

ASPECTOS ÉTICO-MORAIS DA PEDAGOGIA EM SANTO AGOSTINHO

Ethical and Moral Aspects of Pedagogy in Saint Augustine

Claubervan Lincow Silva¹

Resumo: Este projeto consiste em uma análise aos elementos ético-morais da pedagogia de Santo Agostinho, bem como a sua aplicação no contexto educacional de sua época (séc. V). Não queremos propor valores ético-morais pedagógicos, mas fazer uma análise crítico-filosófica da pedagogia agostiniana sob a luz de uma ética cristã, as quais possibilitam à educação condições de alcançar as suas finalidades e objetivos. Santo Agostinho apresenta em sua ética-pedagogia elementos necessários para a construção de uma moral e reconhecimento do homem como tal, passando por fundamentações como o diálogo, amor, liberdade, as quais compõem o pilar necessário para os princípios éticos que devem reger a pedagogia.

Palavras-chave: Diálogo; Amor; Liberdade; Princípios ético-morais; Pedagogia agostiniana

Abstract: This project consists of an analysis of the moral-ethic elements of the pedagogy of Saint Augustin as well as its application in the educational context of his time (V century). The main idea of the project is not suggesting pedagogical moral-ethic values but doing a critical and philosophical analysis of the Augustinian pedagogy in the light of a Christian ethic, which may give education the conditions to reach its purpose and goals. Saint Augustin presents in his ethic-pedagogy elements necessary to build a moral and acknowledgement of man as such, going through bases such as dialogue, love, freedom, which form the pillar necessary for ethical principles that must conduct pedagogy.

Keywords: Love; Freedom; Ethic-Moral Principles; Augustinian Pedagogy

Introdução

Devemos considerar a ética e a moral como dois grandes pilares consolidadores da educação, tendo como finalidade auxiliar na relação ensino-aprendizagem a qual é de salutar importância para o constructo social do homem. A sociedade contemporânea tem sido marcada pelas grandes e massivas modificações de desempenho, as quais refletem decisivamente no âmbito da área educacional. Para tal, é preciso formular perspectivas as quais enlaçam contextos que são de suma importância para as modificações reais e vigentes de nossa sociedade, como princípios ético-morais pedagógicos que servem para desenvolver no homem valores e virtudes que o caracteriza como ser social. Com isto é devidamente cabível uma reflexão a estes padrões ético-morais que nos rodeiam, tomando como luz norteadora o princípio a qual rege a construção do homem.

Tal pesquisa decide abordar esta reflexão analisando a construção-crítica da pedagogia, sob olhar dos elementos ético-morais pedagógicos do Bispo de Hipona, a qual

¹ Estudante de Graduação em Filosofia/UFPE.

revolucionou a pedagogia do século V, o que desembocou na formação de um sistema educacional cristão de valores ético-morais. A grande importância desta pesquisa acadêmica dá-se sobre perspectivas primordiais dos aspectos ético-morais pedagógicos, baseados nos escritos do Santo Doutor, os quais apresentam elementos que consolidaram uma nova formulação de uma educação para época, partindo dos valores ético-morais do homem.

Santo Agostinho além de ser um dos maiores autores da Idade Média, foi também um grande teórico e legitimador do cristianismo enquanto doutrina, formulando um complexo e coerente sistema pedagógico no início do século V, onde tem como ponto de início a relação de aprendizagem/ensino. A sua importância pedagógica dá-se por tratar a educação voltada para uma visão humanístico-religiosa, na qual o cristão se forma quando este obtém o reconhecimento de sua fé, inserindo assim no homem, através da educação, elementos ético-morais pedagógicos, como nos diz Émile Durkheim:

É que, conforme mostramos, para ser cristão, não basta ter aprendido isso ou aquilo, saber discernir certos ritos ou enunciar certas fórmulas, conhecer certas crenças tradicionais. O cristianismo consiste essencialmente numa certa atitude de alma, num certo *habitus* de nosso ser moral (DURKHEIM, 1995, p.35).

Este hábito deve seguir parâmetros ético-morais, os quais regem o homem a partir da luz dos ensinamentos cristãos. Desta forma, Agostinho cria uma nova visão de pedagogia baseada em princípios ético-morais cristãos², a qual tem o papel não só de instruir o homem cristão, mas também de formular no homem o autoconhecimento. Desta forma a pedagogia agostiniana visa sob a luz dos aspectos ético-morais pedagógicos, ter a sua importância, pois mostra ao homem, iluminado sob a luz divina, qual o caminho para um *ethos-pedagógico-social*.

1 Caminhos que levam a elementos ético-morais pedagógicos

Para Agostinho, uma das finalidades da educação, que como cristão entende que só através de Cristo é que podemos alcançá-la, está no conhecimento e no amor da Verdade suprema, que nos é posto como mandamento descrito em Mt 22:37 : “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo teu *Entendimento*”³. Para tal, Agostinho propõe caminhos norteadores de uma pedagogia sob elementos ético-morais. Dentro desse processo, na obra *Sobre o mestre [De magistro]*, o Bispo de Hipona nos mostra a importância da linguagem, na relação do ensino/aprendizagem:

Agostinho - Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?

Adeodato - Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender.

Agostinho - Mas, então, de que maneira pensas que se possa prender, senão perguntando?

² Podemos observar a grande influência da filosofia helênica no Santo Doutor, pois um dos caracteres que se manteve estático quanto a objeto de pesquisa ao longo do período histórico, foi a finalidade e ação do *ethos (grego.)* ou em uma aproximação a escrita agostiniana, a *moralis* (latim), a qual é essencial como base de caráter das virtudes, as quais são essenciais para o construto social.

³ Fazendo uma breve analogia teológico-filosófica, Agostinho tem como finalidade pedagógico, tais elementos as quais não apenas constituem o cerne da doutrina cristã, mas também de sua filosofia, como o amor a Deus sendo o único caminho para alcançar a verdade, amá-lo de toda a alma como forma de um conhecimento e amor partindo do verdadeiro homem, isto é, do homem interior e de todo entendimento, a qual aqui é expresso subjetivamente os entrelaces éticos as quais compõe não só a construção intelectual do homem, mas também sua interação a partir da razão com as coisas exteriores.

Agostinho - Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, dize-me interrogas por outro motivo a não ser para ensinar o que a quem perguntas?

Adeodato - Dizes a verdade (*De mag.* I, 1.)

O Santo Doutor também nos mostra que a leitura deve ser também um dos pontos cruciais para uma formação pedagógica, pois é nela que o homem quando debruçado nas *Sagradas Escrituras*, encontra a verdade⁴, e é sob o olhar desta leitura que o homem deve “ler” o mundo que o cerca e os seus valores a serem aplicados neste mundo. Esta ênfase na leitura pode ser amparada pelos escritos de Paulo Freire, onde já quando este nos escreve a importância da leitura, não apenas no sentido de ler palavras, mas no sentido de formação social, de leitura do mundo: “[...] vivi intensamente a importância de ler e de escrever [...]”⁵.

2 O diálogo como elemento ético-moral pedagógico

Santo Agostinho então nos elenca elementos ético-morais os quais devem reger a pedagogia, entre tais elementos dá fundamental importância ao diálogo⁶, onde o mestre e o aluno estão em uma investigação mútua (cf. *De mag.* cap. VIII), em busca de um conhecimento, de um elemento a qual converge para o princípio ético-pedagógico do homem:

Nem sempre dá para distinguir até que ponto qual dos interlocutores ensina e qual aprende, porque Agostinho e Adeodato apresentam um ao outro, com franqueza e humildade, as próprias opiniões: o mestre desce até ao aluno, enquanto este frequentemente eleva-se, com vigor de raciocínio à formulação de conceitos agudíssimos [...] (RICCI, 1987, p.8).

7

Por ser bastante influenciado pela dialética platônica, Agostinho insere tal característica de modelo de uma construção de conhecimento dentro de sua pedagogia, pois acreditava Agostinho que tal modelo levaria ao aluno a ter condições de como ser autônomo na busca pelo conhecimento. Tal assertiva retoma o método socrático (ironia e maiêutica), ao qual colocava o aluno em totais condições dele mesmo alcançar a verdade. Ainda influenciado pelo platonismo, Agostinho acredita, assim como Platão, que não há distinção entre discípulo e mestre, pois ambos estão no mesmo patamar de busca da

⁴ Cf. AGOSTINHO, Santo. *Sobre a doutrina cristã*, II, 9.

⁵ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989a. p. 11.

⁶ Aqui vemos a forte grande influência dos antigos, principalmente de alguns diálogos platônicos, sobre a pedagogia agostiniana, que aparece de forma explícita em sua obra *Sobre o mestre [De magistro]*, escrita em forma de diálogo com seu filho Adeodato, tendo ele a figura de mestre e seu filho de aluno.

⁷ RICCI, A. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. **O mestre [De magistro]**. Trad. e introd. de A. Ricci. São Paulo. Nova Cultural, 1987. p. 8 A importância do diálogo é vista como uma interação interpessoal de duas pessoas, para Santo Agostinho esta relação em sua pedagogia trazia elementos importantes para formular a compreensão do conhecimento ético-morais pedagógicos no homem. Ainda hoje o diálogo como forma de interação é de grande valor para a compreensão do indivíduo como ser social, a psicologia moderna estuda esta relação como processo de modificação ético-moral do indivíduo, como nos mostra Smolka e Góes: “Isto significa dizer que é através de outros que o sujeito estabelece relações com objetos de conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro” (SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. (orgs.) **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. São Paulo: Papirus, 1995, p. 9).

mesma verdade, sendo a verdade não imposta, ou melhor inserida de um âmbito externo para o interior de quem a dela se apropria, mas a verdade deve ser encontrada e elaborada pelo próprio sujeito⁸. Neste processo, “o educador que não sabe fazer com que o aluno busque por si o caminho da verdade, de Deus, não é digno deste nome”⁹

O método dialógico, para o Bispo de Hipona, não se constitui apenas em um construto tecnicista literário ou verbal, ou de um simples molde da didática, mas o diálogo constitui-se como interação entre o outrem que é a *imago Dei*, o meio que o cerca e o conhecimento buscado através do processo de iluminação, ao qual leva o homem a verdade, tendo assim uma relação de mutualismo e crescimento, conservando outro princípio cristão, amar o próximo (Mt 22:39), mesmo quando há críticas as quais devem caminhar para uma busca da verdade, descrevendo assim, a visão agostiniana sobre a importância da crítica em um diálogo: “Não aceita o crítico como inoportuno, mas o ama como um benfeitor, desde que ele não tome a atitude de defender o erro em nome da verdade mas busque com sinceridade a verdade”¹⁰.

Portanto, para Agostinho, o fato do dialogar constitui um elemento para a construção do *ethos* humano, onde não há uma figura estática de um mestre detentor do conhecimento universal, não tem uma visão unilateral, mas sim bilateral, pois há de fato, dois interlocutores investigando e se relacionando. Esta característica permeia até em obras onde Agostinho não apresenta um interlocutor efetivamente, inferindo-lhes questionamentos. Mesmo tendo tal ausência, o Santo Doutor conserva uma estrutura tal que ele mesmo elenca possíveis questionamentos as quais podem suscitar no leitor de sua obra¹¹.

O diálogo liga-se diretamente com a utilização de outro elemento ético-moral pedagógico para o Santo Doutor, isto é, o diálogo está em consonância com a liberdade, (a qual veremos posteriormente), pois a verdadeira liberdade é a transformação do interior do homem, como consequência do conhecimento da verdade, onde esta verdade poder-se-á ser encontrada através da crítica¹², pelo diálogo (*colloquium*), pelas interações de ideias, que auxiliam na busca pela verdade divina. Esta importância do diálogo como aspecto ético-moral pedagógico também é ressaltada no século XXI pelo pedagogo Paulo Freire: “[...] o

⁸ Nesta perspectiva para o Santo Doutor, não se há preocupação de cair-se no erro do relativismo, já que a verdade deverá ser encontrada no âmago do sujeito, pois a verdade para Agostinho, é a verdade divina ao qual ilumina o intelecto humano.

⁹ TRAPÈ, Agostino. Libertà e Grazia nella Storia della Salvezza. In: Atti della Settimana Agostiniana Pavese. Pavia, Abril. 1972. p. 25 apud AMADORI, 1982, p.129.

¹⁰ TRAPÈ, 1972. p. 25 apud AMADORI, 1982, p.132.

¹¹ Grande exemplificação para tal é a obra *A Introdução aos Catecúmenos*, na qual Agostinho responde questionamentos de um diácono Deogratias, sobre como catequizar novos cristãos, bem como responde a futuras inquietações as quais podem suscitar no decorrer da catequese. A esse respeito, nos diz PAIVA, H. V. Introdução. In: AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. 2. ed. Trad. e notas de Maria da Glória Novak. Introd. de H. V. Paiva. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7: “Por volta do ano 405, em Cartago, o diácono Deogratias se angustiava porque, encarregado de ensinar os rudimentos da fé aos candidatos ao catecumenato, tinha impressão de aborrecer seus ouvintes[...] Decidiu-se então, a escrever a seu amigo Agostinho, bispo de Hipona, e expor-lhe seu problema. Sto. Agostinho havia observado que outros catequistas, de cuja competência não duvidava, estavam em idêntica situação”.

¹² Segundo Agostinho há modos de inferir uma crítica ou repreender alguém, todas estas formas devem ser salutares no diálogo, sempre acompanhadas do segundo elemento, isto é, do amor. “Se porém disser algo diferente daquilo que se deve encontrar no espírito de quem vai ser instruído na fé cristã, repreende-o com delicadeza e bondade, porque é rude e ignorante; mostra-lhe o verdadeiro fim da doutrina cristã, exaltando-o breve e gravemente [...]” (AGOSTINHO, 2005, p. 45)

diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança¹³, ao qual elenca o diálogo como um dos pilares essenciais para a educação.

3 O amor como elemento ético-moral pedagógico

Outro elemento ético-moral pedagógico que Agostinho utiliza em sua pedagogia, é o amor. Para tal, o Santo Doutor destaca as normas e sugestões prático-pedagógicas necessárias para que este elemento possa surgir e assim firmar caráter de *ethos-moralis*¹⁴ no homem. Agostinho infere neste aspecto ético-moral pedagógico, normas as quais eram fundamentais na oratória da época, como a narração que expõe o conteúdo da salvação, à qual resume o amor de Deus para com o homem, bem como a exortação, que se trata da aplicação moral da narração do amor de Deus, conduzindo o homem a uma catequese, mostrando-lhe o Sumo Bem, e as virtudes que o levarão a uma vida feliz, bem como os perigos oferecidos pelo mundo pagão.

Agostinho é por muitas vezes conhecido como Doutor da Graça, pela ênfase do termo *gratia* em suas obras de cunho teológico-filosóficas, a graça relaciona-se intrinsecamente para o pensamento cristão como ato ou ação de amor/favor, imerecido¹⁵. O amor aparece no Santo Doutor pelas influências das epístolas paulinas, bem como ser um mandamento latente da vida ético-moral cristã. Além do mais o amor (quando postulado como fonte da vontade) para Agostinho é também elemento necessário para uma busca da verdade, assim como é o amor que impulsiona os conceitos de *uti-frui*, ou seja, a perspectiva do homem de usar e fruir de determinados objetos da *creatio*, ao qual encaminha e direciona a vontade, que é a regra do amor, conforme acentua Etienne Gilson:

A caridade é o amor pelo qual se ama o que se deve amar. Como ela é o amor, a caridade deve poder ser assemelhada a um dos pesos que arrasta a vontade em direção a seu objeto. Em certo sentido, ela é análoga aos pesos que conduzem os corpos naturais para o seu lugar de repouso; estamos bem fundamentados para dizê-lo, pois, em última análise, na verdade, é o amor divino que move os corpos físicos bem como as vontades humanas. (GILSON,2010,p.262).

O amor então exerce alguns pontos de fundamental importância para a filosofia agostiniana, de igual modo, o amor possui um ponto também salutar em sua pedagogia. Em sua obra denominada de *Sobre a instrução do catecúmenos [De catechizandis rudibus]*, o Santo Doutor mostra dois conceitos aos quais devem ser elencados para a instrução catecúmena: a “*narratio*” e a “*exortatio*”, as quais são normas pedagógicas que devem ser aplicadas de acordo com o público ao qual o orador se dirige. A *narratio*, tem como conteúdo a narrativa da soteriologia, que em suma reflete o amor de Deus para com o homem.

A *exortatio*, refere-se à aplicabilidade moral da *narratio*, ao qual mostra os perigos que o mundo pagão oferece, bem como o verdadeiro refúgio apenas é encontrado na Igreja. O amor está unido ao primeiro elemento ético-moral pedagógico, isto é, o amor é necessário ao diálogo, pois como já mencionamos no tópico anterior, o diálogo é a relação mútua de duas pessoas para a busca da verdade divina, onde não há um professor que professa verdades imutáveis, postulando uma barreira entre o que ensina e o que aprende,

¹³FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989b p. 66.

¹⁴Usamos *ethos-moralis*, não no sentido de divergência ou complemento de significados, mas apenas no sentido de enfatizar a influência tanto do mundo grego como do taino para o Santo Doutor, já que tratamos de sinônimos de palavras

¹⁵No cristianismo amor e Graça são quase que equivalentes, é por/atraves do Amor Divino, ao qual Deus concedeu sua Graça em favor dos homens dando-lhes a Cristo (cf. BERKHOF Luiz. **Teologia sistemática**. 2 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001).

mas há uma interação, um âmbito de igualdade entre os mesmos, sendo tal igualdade um ato de amor, como nos mostra Etienne Gilson:

Amar com toda a alma a outro não é renegar-se nem se sacrificar a si mesmo, é amar a outro como a si mesmo, em pé de igualdade. Aquele que eu amo é igual a mim; eu sou igual àquele que amo e, por isso, eu o amo como a mim mesmo, tal como Deus o prescreveu. (GILSON, 2010, p. 263).

Desta forma o amor é um do centro da pedagogia agostiniana, pois o amor não apenas está posto no plano humano, mas também este é elencado no plano divino, como característica da bondade divina. Agostinho em todo momento infere o amor em sua pedagogia como o conceito que irá conduzir o mestre e o aluno a uma reciprocidade de amor, sempre elencando que tal amor tem a sua origem em Deus. Desta forma, o Hiponense estabelece em sua pedagogia que aquele a quem exerce o papel de educador esteja conduzido pelo amor em sua relação com o aluno.

Uma das perspectivas ao qual Agostinho postula é que para que este amor seja efetivado como elemento ético-moral pedagógico é que haja uma adequação do educador à condição do educando, desta forma Agostinho elimina a possibilidade de um discurso pedagógico universal, mas que no ato pedagógico sejam observados os detalhes das variadas circunstâncias e meio que cerca o educando é uma forma de ato de amor e constructo de elementos ético-morais pedagógicos.

Agostinho se posiciona assim por acreditar que o meio, a cultura e o tempo interfere no processo pedagógico, pois estas normas se referem ao conteúdo e que deve ser adaptado às condições do sujeito, porém estas mesmas normas são disposições interior, ou seja são impulsionadas pelo amor, conforme expressa em máxima: “a este fim então o mestre deve sempre mirar, de maneira que tudo o que ele expõe seja exposto de tal forma que o aluno ouvindo creia, crendo espere e esperando ame”¹⁶

Portanto o amor possui uma teleologia na pedagogia agostiniana, pois além deste unir o mestre e o aluno em um processo de diálogo e busca da verdade, ele também é elencado como conteúdo do amor divino para com os homens, ficando evidente que o amor não se limita as dimensões humanas, mas o homem é elevado por ser reflexo do amor divino. Desta forma, nos afirma Agostinho,

[...] em tudo, sem dúvida não somente devemos observar o fim do preceito – a caridade, nascida de um coração puro, de uma consciência reta e de uma fé sincera – para que se reflita em tudo o que dizemos: deve também enternecer-se e voltar-se para ele o olhar daquele que instruímos pela palavra. (AGOSTINHO, 2005, p. 39)

Como se vê, o amor constitui-se elemento fundamenta no que tange ao conceito de diálogo na pedagogia agostiniana, bem como o amor, se relaciona com um terceiro elemento ético-moral pedagógico para Agostinho, a saber, a liberdade, onde, não pode haver um verdadeiro amor sem o respeito a liberdade.

4 A liberdade como elemento ético-moral pedagógico

O terceiro aspecto elencado por Agostinho como princípio ético-moral de sua pedagogia é a liberdade, devido este ser um elemento constitutivo de uma ação educativa adequada, pois a partir da liberdade e o respeito pela individualidade do outro é que Agostinho formula a inter-relação da atividade pedagógica, sendo um importante elemento para construção do diálogo humano e também no divino, quando este infere Cristo o

¹⁶AGOSTINHO, 2005, p. 44.

supremo mestre relacionando-se com o aluno. É possível perceber este conceito latente em toda pedagogia agostiniana, pois o Santo Doutor entrelaça a liberdade como sendo um pilar para haja no diálogo a efetivação do amor, ou seja, a liberdade é ao mesmo tempo reflexo e princípio do amor. Esta afirmação dá-se porque para Agostinho, como já vimos outrora, a verdade não é produto do mestre, logo, ela não é revelada pelo mestre humano, mas sim pelo Mestre divino, de forma que o mestre bem como o aluno são conduzidos pela própria busca interior de uma verdade revelada, utilizando-se da sua própria liberdade e intersubjetividade como meio para alcançá-la.

Um grande exemplo é inferido por Agostinho no processo de ensino/aprendizagem através do diálogo com o seu filho Adeodato, onde segundo A. Ricci,

[...] colocando-se completamente fora dos usos do tempo, Agostinho não instrui o filho mediante o estudo de noções feitas ou usando textos de gramática conhecidos e adotados nas escolas latinas da época; ao contrário leva Adeodato a considerar diretamente o problema da linguagem [...] isto é, orienta imediatamente a atenção do jovem para a razão mesma de ser da linguagem evitando assim as definições alheias e as suas próprias¹⁷.

Esta concretização da liberdade é de suma importância na obra *Sobre o mestre*, pois Agostinho demonstra apreço e cuidado em dar a liberdade necessária a Adeodato, seu filho de forma que este em uma análise da linguagem descobre a significação e distinção da função do mestre humano e do Mestre divino, levando assim Adeodato a tirar conclusões, a partir de si mesmo, que o afirmaram em suas próprias decisões¹⁸.

Toda a objetivação proposta por Agostinho em palavras não constitui a verdade, como fora dito dantes¹⁹, mas tudo o quanto é postulado por Agostinho deve servir como trilha para que Adeodato as recolha e a utilize como guia para descobrir à luz da verdade que somente o Mestre interior, isto é Deus, ministra.

Desta forma, para Agostinho o aluno deve decidir por livre vontade perante as palavras colocadas do mestre humano, ponderando então as verdades contidas, absorvendo-as e aceitando-as quando estas estão em conformidade com a luz interior que permeia seu intelecto: “se depois, foi dita a verdade, isto não-lo pode ensinar somente aquele que falando por fora avisa que habita dentro de nós”²⁰. Bem como, Agostinho afirma a sua posição de que os discípulos devem confrontar as palavras ditas por seus mestres, com a luz da verdade interior e assim tirar suas conclusões: “Mas quando tiverem explicado com as palavras todas as disciplinas que dizem professar [...] então é que os discípulos vão considerar consigo mesmo se as coisas ditas são verdadeiras”²¹.

Portanto, o conceito de liberdade na pedagogia agostiniana é de suma importância, pois ela é pressuposto para que no diálogo haja a caridade/amor, bem como é pressuposto para que a iluminação divina possa efetivar-se no interior do homem: “A

¹⁷RICCI, A. Introdução. In: AGOSTINHO, 1987, p. 8

¹⁸ É salutar ressaltar que em toda a obra *Sobre o mestre*, não apenas há concordância entre Agostinho e Adeodato, mas também ao longo do corpo da obra o próprio Agostinho mostra que o seu filho Adeodato fora mais claro que ele em alguma postulação (cf. *De mag.*, VIII, 21), como também demonstra que em alguns momentos Adeodato discorda do pensamento do Santo Doutor (cf. *De mag.*, IX, 15), bem como há o reconhecimento de erro advindo do próprio jovem Adeodato (cf. *De mag.*, X, 30), e há até mesmo o registro de dúvidas do filho de Agostinho (cf. *De mag.*, X, 31). Desta forma é notória a liberdade como princípio ético-pedagógico em Agostinho.

¹⁹ Pois o mestre não possui a verdade, mas a verdade é encontrada a partir de uma busca interior iluminada pelo divino.

²⁰*De mag.*, XIV, 46.

²¹*Ibid.*, XIV, 45

virtude incomutável de Deus e a sempiterna sabedoria, que toda a alma racional consulta, mas que se revela a cada um quanto é permitida pela sua própria boa ou má vontade”²². Desta forma, a liberdade é um elemento vultoso, constituindo-se um aspecto ético-moral pedagógico, que não apenas age no diálogo entre mestre e aluno, mas também reverbera no diálogo divino entre Cristo e o aluno. A confirmação e efetivação da liberdade do aluno por parte de seu mestre será condição necessária para uma ação educativa agostiniana, pois esta facilita e disponibiliza a busca da verdade entre os interlocutores.

5 A carência de aspectos de formação ético-pedagógico na contemporaneidade

Sendo assim, o Bispo de Hipona concedeu ao seu tempo elementos contextuais para uma educação sob os moldes ético-morais cristãos, as quais devem ainda nos tempos atuais serem passivos de uma crítica pedagógica, tendo em vista a ineficiente formação ético-moral pedagógica do homem nos dias atuais. A sociedade -brasileira em específico- tem se debatido com grandes problemas que são enfrentados todos os dias reiteradamente, problemas estes que circundam no que diz respeito às diferenças e respeito para com todos os seres humanos, fruto de uma ausência ética e moral na pedagogia contemporânea, sendo espantoso os desrespeitos, casos de violência, agressões pessoais e físicas, a falta de coletividade e de valores que são frutos de uma ausência de elementos que deveriam ser considerados como pilares para uma pedagogia eficiente.

É sabido a imersão da carência de aspectos éticos-morais na pedagogia contemporânea, aos quais torna o homem um ser insensível aos problemas oriundos do próximo e do meio ao qual está inserido, sendo então por falta de uma pedagogia ao qual construa valores todos os males que acompanham tal ausência são aflorados gerando então todos os efeitos que são bem latentes nos dias atuais: “A crise social do mundo atual conjuga-se com uma crise moral, e vem acompanhada do desenvolvimento da violência e da criminalidade”²³.

Para um dos grandes expoentes da pedagogia brasileira, Paulo Freire a educação é a base da mudança de uma caráter ético-moral de uma sociedade, ao qual esta relação é tão intrínseca que uma confunde-se com a outra, isto é que para mudar a sociedade deve-se estabelecer também mudanças na educação, bem como a educação será fruto desta sociedade, “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (FREIRE, 1991, p. 84). Sem esta relação da educação com a moral, o conceito pedagógico é desvalido de um dos seus grandes pilares, que é a construção do cidadão pronto a viver em comunidade e está apto a ser agente ativo no âmbito social.

Agostinho também compactuava do pensamento de que um homem ausente da lei moral e ética não consegue habituar-se coerentemente em uma sociedade, o Santo Doutor torna-se então um grande adversário a uma pedagogia que torna o homem cada vez mais individualista, sem qualquer decoro moral e ético, o que o torna um ser egoísta, soberbo e avarento:

Com relação aos pecados que são contra os costumes humanos, também hão de ser evitados de acordo com a diversidade dos costumes, a fim de que o pacto mútuo entre os povos e nações, firmado pelo costume ou pela lei, não seja quebrado por nenhum capricho de cidadão ou forasteiro, porque é indecorosa a parte que não se acomoda ao todo. (AGOSTINHO, 2014, p.76)

²² *Ibid.*, XI, 38

²³ DELORS J. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução José Carlos Eufrázio. Ed. Cortez, São Paulo. 1996. p. 53

Este reflexo mostra o homem desvaído de valores éticos o que o torna ganancioso e jactancioso, postulando sempre em suas ações o individualismo em detrimento do bem conjunto social. É esta a realidade de nossos dias, cada vez mais o individualismo se apodera dos valores mais ínfimos e intrínseco a uma conjuntura de seres, denominado de sociedade. Portanto a pedagogia Agostiniana deve ser vista, como uma pedagogia do seu tempo que apontava para um progresso humanista de valores, ao qual, construía e dotava o homem de caráter ético e moral.

Portanto, Agostinho não fora apenas um excelente filósofo e teólogo, mas também, por amor as almas que muitas vezes percorriam distâncias para ouvirem a eloquência e ensino do Doutor da Graça, foi um exímio pedagogo utilizando a fé entrelaçada a razão de um lado e a efervescência cristã do outro, o qual dera a Agostinho um dos maiores prestígios e sucesso como mentor, doutor, teólogo, filósofo e pedagogo em toda a Idade Média. Pela dificuldade e exercício da profissão ministerial, Agostinho desenvolveu em seu tempo aspectos salutares para um processo educacional ético-moral pedagógico, tendo no diálogo, amor e liberdade conceitos que levam ao homem ao encontro com a verdade interior, a qual é iluminada e regida pelo Mestre interior, isto é, Deus. Daí o comentador Edward Smither exaltar o brilhantismo, amor e fé de mais uma faceta do Santo Doutor, como precursor da pedagogia cristã:

Embora seu pensamento e sua eloquência sejam merecidamente elogiados, acho sua pessoa, seu caráter e seu ministério ainda mais extraordinários. Ele tinha uma fé sincera, que permaneceu consistente e apaixonada desde sua conversão ocorrida na Itália, em 386, até sua morte em Hipona, uns 44 anos mais tarde. Contudo, diferente dos monges eremitas que fugiam do mundo em busca da solidão do deserto, este pastor africano estava sempre na companhia de amigos. Ele fez sua profissão de fé, algo considerado hoje como altamente pessoal, na presença de um amigo íntimo. No mosteiro de Hipona, onde ele e outros clérigos e leigos viviam, ele deliberadamente deixava a porta aberta para visitantes, e sua mesa era posta com lugares extras. Em resumo sua vida era caracterizada pela amizade. (SMITHER, 2012, p.9).

Destarte, o Bispo de Hipona deve ser estudado também em seus aspectos ético-morais pedagógicos, aos quais contribuíram e formularam um sistema educacional cristão em todo um período histórico compreendido por sua influência na patrística (séc. IV), sendo um dos grandes expositores de catecismo, objetivando a introdução da fé sob a perspectiva pedagógica cristã, passando aos catecúmenos valores morais e éticos que ainda subsistem e são necessários ao nosso tempo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. 2. ed. Trad. e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O mestre.** Trad. e introd. de A. Ricci. São Paulo. Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

AMADORI, Giovanni. **Elementos ético-pedagógicos no pensamento de Santo Agostinho.** 1982.213 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,1982

BERKHOF, Luiz. **Teologia sistemática.** 2 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

DELORS J. **Educação: um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução José Carlos Eufrázio. Ed. Cortez, São Paulo. 1996. p. 53

DURKHEIM, Émile. **A Evolução Pedagógica.** Porto Alegre: Artes Médicas,1995.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989a.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989b.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** 2. ed. Trad. de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial/Paulus, 2010.

SMITHER, Edward L. **Agostinho como mentor.** Trad. de Odair Olivetti. São Paulo: Hagnos, 2012.

SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. (orgs.) **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento.** São Paulo: Papyrus, 1995.